

O Ponto Cego de Wilson Martins: Identidade paranaense e as transformações no espaço intelectual brasileiro

Wilson Martins' Blind Spot: Paraná's identity and transformations in the Brazilian intellectual space

Natalia Romanovski¹
nrtm075@gmail.com

Resumo

O livro Um Brasil Diferente: Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná, escrito pelo crítico literário Wilson Martins, é considerado um marco na área de Estudos Paranaenses. Herdeiro e oposto ao paranismo (o regionalismo paranaense), o legado do livro é parte central da imagem do Paraná como um estado branco, progressista e europeu. Mas, apesar do lugar proeminente, Martins contestou o seu reconhecimento, não enxergando a sua recepção e a continuidade com o paranismo. A partir da análise de sua trajetória e do espaço intelectual brasileiro, investigamos as condições sociais para a "cegueira" do autor com relação à sua obra.

Palavras-chave: *sociologia paranaense; Wilson Martins; imigração no Paraná; espaço intelectual brasileiro; paranismo*

Abstract

The book A different Brazil: essay on the phenomena of acculturation in Paraná, written by the literary critic Wilson Martins, is considered a milestone in the area of Studies of Paraná. Simultaneously heir and opposed to Paranism (Paraná's regionalism), the legacy of the book is central to the identity of the state as white, progressive, and European. In spite of the book's prominent place in the history of the state, Martins contested its recognition, refusing to acknowledge its wide reception and its continuity with Paranism. Analysing Martins' trajectory and the Brazilian intellectual space of his time, we investigate the social conditions to the author's 'blindness' regarding the importance of his work.

Keywords: *sociology in Paraná; Wilson Martins; immigration in Paraná; Brazilian intellectual space; Paranism*

¹ Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo.

Introdução

Neste artigo, procuraremos explicar um ponto cego nas concepções de Wilson Martins, que se autodefiniu como "intelectual no sentido largo, crítico literário no restrito. Leitor profissional. Quanto ao magistério, foi um complemento disso tudo (e vice-versa)." (Martins apud Seffrin, 2001, p. 9). Investigaremos um problema que Martins jamais admitiu – ou, como argumentaremos, jamais conseguiu enxergar: a questão do enquadramento regionalista de uma de suas principais obras, o livro *Um Brasil Diferente*.

Martins (1921-2010) foi um dos críticos literários mais proeminentes e duradouros no seu nicho, a crítica de rodapé. Iniciou sua carreira no Paraná, onde se criou, e mais tarde trabalhou para jornais de alcance nacional, como *O Estado de São Paulo* e *Jornal do Brasil*. Formado em Direito, teve também uma longa carreira acadêmica. Lecionou na Universidade do Paraná, onde permaneceu até meados da década de 1960. Depois, deu aula de Literatura Brasileira na New York University, até sua aposentadoria nos anos 1990.

O livro aqui explorado é, em certo sentido, um ponto fora da curva na sua carreira de crítico. Em *Um Brasil Diferente*, Wilson Martins se propôs a realizar uma pesquisa sociológica sobre a formação cultural do estado do Paraná. Após minuciosa pesquisa nas fontes da época, Martins desenvolveu um argumento inovador para sua época: a simultânea singularidade e brasilidade do Paraná, enfatizando a contribuição dos imigrantes europeus à sociedade paranaense.

A essa tese inovadora correspondia uma conjuntura macrossocial de transformações em termos do desenvolvimento paranaense. Publicado inicialmente em 1955, o livro tem seu processo de concepção e publicação no contexto de celebração do centenário da emancipação do Paraná, em 1953, um evento oficialmente comemorado e ligado também às transformações sociais no estado: crescimento econômico, em grande parte advindo da forte presença da cafeicultura; consequente reforço do povoamento, com a expansão da fronteira agrícola; certa diversificação econômica ligada a uma industrialização incipiente; e crescimento populacional e urbano. Em suma, o Paraná era então um estado que crescia e estava em um processo de modernização que o formou nos moldes em que o conhecemos hoje.

Nesse cenário, Wilson Martins se debruçou sobre a questão da singularidade da formação deste estado periférico. No entanto, ele jamais entendeu a distância entre suas intenções ao escrever o livro e sua recepção efetiva. Para examinar esta questão, realiza-se neste artigo um percurso metodológico informado pela teoria de Bourdieu (1996) e pelas análises de intelectuais brasileiros realizadas por Miceli (2001). Na década de 1950, época do lançamento de *Um Brasil Diferente*, existia um espaço intelectual brasileiro que estava dando lugar a uma nova formação estrutural, com a fundação e consolidação acadêmica das faculdades de filosofia, a especialização dentro das humanidades e a complexificação de instâncias de produção cultural

brasileiras. Dentro desse panorama, pensaremos a formação e as concepções intelectuais de Martins, mostrando como esses dados formativos de sua trajetória se depararam com esse espaço intelectual em transformação e a gênese de um campo de produção cultural e intelectual.

Iniciaremos esse artigo apresentando o livro e seus principais argumentos. Em seguida, apresentaremos a avaliação de Wilson Martins, em que poderemos ver a distância existente entre o seu ponto de vista e a recepção efetiva do livro. Finalmente, mostraremos como a história das condições de exercício do trabalho intelectual no Paraná e no Brasil, refratadas na trajetória de Martins, podem explicar essa distância.

Um Brasil Diferente: uma interpretação moderna da história do Paraná

O tema de *Um Brasil Diferente* era uma ideia antiga de Wilson Martins, lançada em 1946 em um artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*. Em "Um tema de sociologia brasileira", Martins (1946, p. 4) escreveu que "Tempos atrás sonhei escrever um livro que fixasse o mais fielmente possível o grau e a extensão da influência de elementos culturais estrangeiros na sociologia meridional do Brasil." No final, declara que certas impossibilidades o fizeram desistir desse projeto, mas que o autor esperava que aquele artigo pudesse contribuir para o estudo do tema por uma outra pessoa. Como anos depois ninguém ainda havia se debruçado sobre o assunto, Martins resolveu retomar o projeto. Em 1955, *Um Brasil Diferente* foi publicado.

O título do livro é brilhante na expressão dos objetivos e das concepções do autor. Para Martins, o Paraná era "um Brasil diferente": era parte da nação, mas não se encaixava nas definições dominantes da identidade nacional:

Assim é o Paraná. Território que, do ponto de vista sociológico, acrescentou ao Brasil uma nova dimensão, a de uma civilização original construída com pedaços de todas as outras. Sem escravidão, sem negro, sem português e sem índio, dir-se-ia que a sua definição humana não é brasileira. (Martins, 1989, p. 446)

Esse trecho é um exemplo do referencial moderno que embasa as concepções do autor. O referencial maior é a obra de Gilberto Freyre, com a consciência da definição de nação baseada na mistura de raças. O Paraná não entraria na definição hegemônica da nação por não ter os principais elementos definidores da sua identidade: a presença do negro, do português e do índio. Seguindo esse argumento, Martins procurou fazer um tipo de etnografia histórica e cultural que explicasse a particularidade paranaense com relação à identidade nacional, ao mesmo tempo se apropriando e contrastando o Paraná com as ideias apresentadas por Freyre.

Para o autor, as consequências lógicas e práticas dessa identidade brasileira diferenciada se refletiam em todas as esfe-

ras sociais e culturais. O livro é uma tentativa de explicar e entender a formação desse universo cultural distinto. Por exemplo, Martins enxerga a formação de um tipo humano paranaense, pacato e reservado:

O que, porém, indica, acima de tudo, o caráter do homem paranaense – que já definimos comerciante e burguês por excelência, amante da ordem e da vida sossegada – é o fato de ter sido uma 'revolução de comerciantes' a única perturbação da ordem realmente séria ocorrida na vida curitibana em toda a sua história. (ibidem, p. 236)

A formação brasileira atípica do Paraná teria levado à personalidade paranaense, que não seria tão expansiva e extrovertida quanto a do "tipo humano" brasileiro. Segundo o autor, a formação dessa sociedade e dessa personalidade particulares se devem à especificidade da composição étnica paranaense. Esta concepção está condensada no comentário que Martins fez ao livro de um colega seu, o também crítico e intelectual Temístocles Linhares², em 1954.

Temístocles Linhares compreendeu e afirma que não há "estrangeiros" no Paraná; que todos, alemães e descendentes de alemães, italianos e descendentes de italianos, russos e descendentes de russos, franceses e descendentes de franceses, e (é verdade que em grau bem menor) poloneses e descendentes de poloneses, não são mais alemães, italianos, poloneses ou russos: todos constituem o homem paranaense, com suas peculiaridades e idiossincrasias e encarnam um espírito de brasilidade que, por ser diferente de inúmeros outros tipos existentes no país, nem por isso é menos brasileiro e menos nacional. Nesse particular, o seu ensaio, de uma grande lucidez, antecipa publicamente minhas próprias conclusões em livro ainda inédito, consagrado à influência sociológica da imigração estrangeira no Paraná. (Martins, 1991, p. 17)

O livro referido na última parte da citação é o próprio *Um Brasil Diferente*, fruto desse momento de indagação e definição da identidade paranaense, que a partir de então seria definida pela influência das etnias europeias que chegaram ao Paraná em ondas imigratórias a partir do século XIX.

Um dos argumentos fundamentais na definição dessa identidade particular é a negação da influência negra. Martins chega a afirmar que a escravidão praticamente não existiu no Paraná – um erro historiográfico que vem sendo apontado e corrigido desde os anos 1960 (Balhana et al., 1969). Segundo Martins:

a escravidão foi insignificante na província e que, por isso mesmo, e também em virtude do povoamento por estrangeiros não portugueses, os negros pouco penetraram sexualmente na família paranaense. Há, pois, antes de mais nada, um elemento de fato que impediu quase totalmente a influência de hábitos

ou de tendências africanas no Paraná. Seus traços culturais, como decorrência lógica, também não puderam impor-se e, ao contrário, desapareceram totalmente. É, sem dúvida, a influência negra que dá às cerimônias religiosas de outras regiões do Brasil a sua coloração dionisiaca e pagã. O negro, por seu lado, rejeita geralmente uma religião que, como o protestantismo, não admite o extravasamento dessas tendências compensatórias. (MARTINS, 1989, p. 429)

A menção ao protestantismo vem de encontro ao argumento principal do livro. Se até agora a face negativa desse Brasil diferente é apresentada, ou seja, aquilo que o Paraná não é (mulato, tropical, extrovertido, "dionisiaco"), a face positiva – aquilo que o Paraná é – seria definida pela presença das etnias europeias que chegaram no estado a partir do século XIX em função das políticas de imigração e incentivo do estabelecimento de europeus no estado.

Analisando diversos aspectos culturais e sociais, como o tipo humano, a personalidade, a técnica, a casa, a alimentação, Martins mostra como cada etnia contribuiu para a formação do paranaense. Embora admita que essas contribuições devam ser contextualizadas, para ele é clara a desigualdade das contribuições de cada uma:

Os alemães, em primeiro lugar, porque, embora numericamente inferiores aos poloneses e ucranianos, ostentam maior dinamismo econômico e preferem localizar-se nas cidades, onde, naturalmente, encontram maiores facilidades de ascensão social, assimilando-se logo aos meios dirigentes. [...] Falei em rápida assimilação aos meios dirigentes. Seria igualmente exato falar em rápida assimilação ao meio cultural. (ibidem, p. 136)

Para Martins, as contribuições dos alemães e italianos, quando comparadas com as contribuições das outras etnias, seriam maiores. A contribuição não está ligada à quantidade de imigrantes, o que justifica o lugar menor atribuído ao autor às etnias polonesa e ucraniana, que lideram numericamente a imigração no estado. O que pesa na avaliação está mais ligado à inserção social dos imigrantes e de suas contribuições. Isso fica claro na questão das técnicas, uma área dominada pelos alemães:

A procedência principalmente urbana dos colonos alemães, e sua conseqüente localização nas cidades, será responsável, sem dúvida, pelo menos em grande parte, pelo clima de simpatia para com a técnica existente nas zonas de colonização germânica. É fato de observação corriqueira que o estado de Santa Catarina pode ser caracterizado por suas pequenas ou grandes indústrias, o mesmo acontecendo nas zonas urbanas do estado do Paraná. E se no interior deste último não ocorre o mesmo é porque outras etnias aí concorreram para o seu povoamento, todas de origens e vocação agrícola [...]. Mas, como é a cidade que mentalmente dá o tom a uma civilização, o

² Temístocles Linhares (1905-1993) foi crítico literário, historiador e professor universitário de destaque no cenário intelectual paranaense. Sua atuação está ligada à crítica para jornais, à publicação de livros sobre literatura e história, e ao seu conhecimento da literatura hispano-americana, graças a estudos em Buenos Aires.

Paraná, ainda que na prática o seu desenvolvimento industrial esteja longe de ser satisfatório, oferece todas as condições favoráveis a um rápido progresso no campo do equipamento mecânico. (ibidem, p. 333)

Assim, o que Martins fez foi instituir uma hierarquia das etnias. Nela, alemães e italianos ocupam os lugares mais altos. Nas posições mais baixas, ocupadas pelas etnias de menor contribuição, estariam os eslavos, poloneses e ucranianos, afetados pela sua "vocalização rural". E, de certa forma abaixo da própria hierarquia está a presença implícita dos negros, um grupo que, para Martins, esteve presente, porém sem fornecer contribuição ao estado.

O ponto cego de Wilson Martins

Com esta breve introdução à problemática de *Um Brasil Diferente*, podemos chegar ao nosso ponto principal: a reação de Martins à recepção de sua obra. Para qualquer leitor moderno da história do Paraná, é clara a semelhança entre os argumentos do autor e a imagem pública do estado como uma área de população branca com origem na imigração europeia, criando uma história diferenciada da colonização portuguesa de outras regiões do Brasil. No senso comum, esta concepção está ligada a um suposto nível mais alto de desenvolvimento dessas regiões.

A coincidência entre a obra de Martins e a imagem do Paraná foi causada por um aspecto da recepção da sua e de outras obras que trabalhavam a questão da identidade do estado e foram apropriadas pelo poder público como versões oficiais da história. Esse aspecto mais ou menos perverso³ reforça o estranhamento com relação à negação de Wilson Martins no tocante a *Um Brasil Diferente*. Segundo o autor, os seus leitores oscilam entre a incompreensão (da qual ele indiretamente acusou aqueles que o leram de forma crítica) ou o silêncio que se construiu acerca do livro. Esta última percepção é até alarmante, quando consideramos que boa parte das entrevistas dadas pelo autor até o fim de sua vida faziam alguma menção ao assunto, como essa de 2008:

O senhor escreveu um livro que desconstruiu Casa Grande & Senzala?

O Brasil pensava a respeito de si mesmo o que Gilberto Freyre pensava a respeito do Brasil. Concluí que alguma coisa estava errada. Aquele mundo de Casa Grande & Senzala não se referia ao Paraná. Fiquei matutando essa ideia até que um dia resolvi escrever um livro que correspondesse a Casa Grande & Senzala, referindo-se ao Paraná, e esse livro se chamou Um Brasil Diferente. O livro foi publicado em 1955 pela Anhembi, uma editora paulista que nem existe mais. Esperava que fosse bem recebido e esse foi o meu engano. Pelo fato de eu dizer coisas

novas sobre um lugar desconhecido, ninguém prestou atenção. O Paraná, diferentemente do Nordeste, não tinha um grupo de propagandistas no Rio de Janeiro. Eu morava em Curitiba e escrevia sobre o Paraná, estado pelo qual ninguém se interessava, de modo que o livro foi praticamente sacrificado. (Martins, 2008, p. 2)

Uma das explicações que Martins oferece para o silêncio acerca de sua obra é a estrutura do espaço intelectual brasileiro na época da edição do livro e, de fato, sua interpretação corresponde à realidade desse espaço. Na época, o principal centro da vida cultural brasileira era o Rio de Janeiro. A cidade atraía intelectuais de diversas partes do país, entre eles os nordestinos que promoveram a cultura dessa região e que conseguiram de forma bem-sucedida incorporar sua cultura como parte indissolúvel da identidade nacional – o que não estava nem perto de acontecer com o Paraná.

É importante notar essa perspicácia na apreciação de Martins, pois um dos fatores que causa estranhamento quando consideramos a cegueira do autor no tocante a *Um Brasil Diferente* é que ele era lúcido e consciente não somente do mundo da produção cultural (o que era, no final das contas, um requisito para o exercício eficaz de seu ofício de crítico literário), mas também das condições objetivas que regravam o espaço intelectual brasileiro. Mesmo assim, escapa a Martins o fato óbvio de que é uma contradição negar a influência de uma obra sobre a qual ele é perguntado o tempo inteiro. A situação é tão absurda que ele chegou a afirmar o silêncio acerca do livro numa palestra em 1979 cujo tema era justamente os processos de aculturação no Paraná.

É que este livro foi recebido com um evidente constrangimento de todo mundo. Aqueles que acreditavam na formação tradicional do Brasil se recusaram a aceitar as ideias, os fatos [...]. São fatos que estão aqui, é um levantamento sistemático de fatos sociológicos. Mas há sempre uma certa resistência a aceitar o novo. [...] E havia também a ideia, não expressa, de que este livro era qualquer coisa assim como uma heresia, a denúncia de um fato que talvez fosse melhor esconder. Por que é que todo mundo tem que saber que houve imigração européia no Paraná? Vamos ficar quietinhos e deixar que este processo continue, encarando o Peri, a Ceci e todos os outros, os índios todos, como os heróis da nossa aristocracia racial: os portugueses, como os criadores desta grande civilização dos trópicos, o mundo que o português criou – como disse o Gilberto Freyre – e ficaria tudo por isso mesmo. Então, o livro foi realmente recebido assim... Com um silêncio constrangido, e nunca mais ninguém falou nisso. (Martins, 1980, pp. 68, 69)

Se negar uma repercussão nacional do livro é justificado, visto que o interesse no Paraná era limitado em círculos intelectuais e acadêmicos fora do estado, aqui Martins negou a reper-

³ "Mais ou menos perverso" porque algumas obras parecem ter a finalidade de formar essa história oficial deliberadamente. Não é esse o caso de Wilson Martins, mas fato é que esse tipo de obra nesta época era fruto de relações intrincadas do estrato intelectual em relação ao campo de poder. Mais sobre o assunto será exposto na quarta parte do artigo.

cussão local do livro. Entretanto, isso foi contestado na própria palestra. Aproveitamos a fala de Oksana Boruschenko⁴ para introduzir o segundo ponto de cegueira na avaliação de Martins sobre a recepção do livro: a questão dos negros, poloneses e ucranianos, ou seja, o "estrato baixo" da hierarquia de etnias de *Um Brasil Diferente*.

Professor, com todo o respeito, permita-me discordar um pouco de uma colocação que o senhor fez no início, quando falava da aceitação de sua obra nos meios acadêmicos paranaenses. O seu livro é, para mim, conhecido desde a década de 60. E me foi indicado, exatamente, pelos meus professores da Universidade, como leitura ou referência sobre o Paraná. [...] Professor: eu senti falta de pelo menos um capítulo, por menor que ele fosse, exatamente sobre esse segundo grupo, dos ucranianos. Numericamente, o senhor mesmo os coloca em segundo lugar. Wilson Martins – Nós estávamos conversando. Realmente, o Greca⁵ havia me prevenido, hoje à tarde, que a senhora ia fazer esta pergunta. (risadas) [...]

Oksana Boruschenko – Mas eu não entendo o porquê de um certo esquecimento, porque a contribuição dos imigrantes ucranianos foi bastante grande. Numericamente, a etnia é forte aqui, o que persiste até hoje. [...]

Wilson Martins – A explicação vem um pouco, da natureza do livro. O livro não foi apresentado como uma história exaustiva de todas as correntes imigratórias. O subtítulo é Ensaio Sobre o Fenômeno de Aculturação. Quer dizer, é uma abordagem desses fenômenos todos, mas do ponto de vista da formulação de um quadro global. De forma que, realmente, há esta insuficiência com relação aos ucranianos, como há em relação a outros grupos étnicos que ocorreram no Paraná, porque a sua influência aculturativa foi menor – relativamente, porque estamos aqui num plano de relatividade – do que a dos outros grupos. (ibidem, p. 75)

Das críticas à lógica interna do livro, a mais pesada é sobre o tratamento dado pelo autor com relação aos poloneses, ucranianos e negros. O tratamento aos ucranianos foi o mencionado por Boruschenko. Já a imagem dos poloneses é negativa, indo da ideia de uma contribuição menor a referências preconceituosas a alegados hábitos alcoólicos e falta de higiene desses imigrantes.

Com relação aos negros e à questão da escravidão no Paraná – sobre a qual Martins também era frequentemente perguntado – a sua resposta continuou sendo a mesma ao longo das décadas. Na palestra sobre a aculturação no Paraná, quando confrontado com o argumento de que segundo o próprio Brasil Pinheiro Machado a mão-de-obra escrava foi presente pelo menos até 1875, Martins respondeu que a presença de escravos no estado não poderia ser igualada a uma economia escravocrata:

há uma diferença entre a existência física de um certo número

de escravos e a constituição de uma economia escravocrata. Quer dizer: definida em termos de trabalho escravo. É o mesmo fato de nós quisermos definir, por exemplo, uma situação como sendo de capitalismo pelo fato de existir, vamos dizer, um Banco numa determinada cidade. Ai é necessário, eu acho, um processo maior de saturação. Era preciso que a economia paranaense e o regime de trabalho em geral fossem realmente organizados em termos de trabalho escravo, e dependessem desse trabalho para se desenvolver. E isso, realmente, não ocorreu. Um dos elementos curiosos dessa situação é que, nos regulamentos das colônias estrangeiras no Paraná, havia sempre um artigo que proibia a existência de escravos no interior das colônias. E estas colônias eram, na verdade, os grupos, os núcleos de atividade econômica mais visíveis no Paraná. Eu creio que houve pequenos núcleos de escravos, realmente, em certas regiões do Paraná. No litoral, eu imagino. Onde mais? Castro, também, ou não? Castro... Mas não chegaram, realmente, a definir um sistema econômico. O sistema econômico, aqui, se definiu muito mais em termos de trabalho livre, até mais do que de trabalho assalariado. (ibidem, p. 74)

No caso da interpretação desses "estratos baixos" de sua hierarquia, Martins, mesmo confrontado com pesquisas e interpretações posteriores, não admitiu uma revisão de seu argumento. Ele continuou a defender a menor contribuição dos poloneses e ucranianos para a cultura paranaense como uma consequência da vocação rural desses imigrantes, quando comparada à vocação urbana de alemães e italianos⁶.

Já na questão dos negros, Martins considera a escravidão uma questão de grau, não igualando a presença de escravos com uma estrutura econômica escravocrata. E, mesmo que o consenso histórico sobre essa questão nas décadas posteriores tenha afirmado o contrário, Martins jamais se convenceu de que o elemento negro tenha contribuído para a formação da cultura paranaense.

A postura paranista

A negação de Wilson Martins desses pontos problemáticos – que hoje parecem evidentes – é ainda mais aterradora pelo fato de que o crítico era consciente do funcionamento do espaço intelectual brasileiro nas suas injunções políticas e sociais, demonstrando reflexividade e uma capacidade de compreensão histórica para além de suas próprias convicções políticas. Por isso é inevitável colocar a questão: como Wilson Martins não entendeu as críticas que frequentemente recebia e as fontes dos erros de sua pesquisa – ou até mesmo a presença de erros na sua pesquisa?

Primeiramente, é preciso pensar em algo que é pouco leva-

⁴ Oksana Boruschenko, professora da Universidade Federal do Paraná, especialista em imigração ucraniana no estado.

⁵ Rafael Greca de Macedo (1956 -) é economista, engenheiro, urbanista, intelectual, membro da Academia Paranaense de Letras, e foi vereador, deputado estadual e federal, ministro de esporte e turismo (1999-2000) e prefeito de Curitiba (1993 - 1997; 2017-...). A menção familiar a ele é um dos exemplos da relação estreita entre intelectuais e elites políticas no Paraná. Vale lembrar que a palestra citada aqui foi realizada na casa Romário Martins, espaço público cultural curitibano batizado em homenagem ao historiador paranista.

⁶ Os italianos teriam ambas as vocações, mas, na avaliação das contribuições, a esfera urbana é considerada superior à esfera rural. (Martins, 1989)

do em consideração pelos leitores de *Um Brasil Diferente*, embora esteja explícito em diversas declarações do autor. Pode-se perceber esse fator no paradoxo criado pela recepção do livro – um paradoxo que só existia para Martins. Devemos pensar no título do artigo de 1946 que deu origem ao livro, “Um tema de sociologia brasileira”, e compará-lo com a reputação do livro: um clássico na área de estudos paranaenses. A intenção de Martins jamais foi contribuir para a área à qual o livro ficou confinado. Sua intenção real era fazer uma colaboração para a sociologia brasileira, o que também fica claro quando consideramos o principal referencial do estudo: *Casa Grande Et Senzala*. Martins sempre deixou claro que o seu livro, mesmo se opondo à visão totalizante de nação colocada pelo “tipo humano” de Gilberto Freyre, não o desmentia. Pelo contrário, a preocupação de Martins era fazer uma monografia regional que contribuísse para o melhor conhecimento do Brasil. Nesse sentido, *Um Brasil Diferente* era um complemento, e não uma oposição a Gilberto Freyre.

Importante para qualquer avaliação do livro é a perspectiva pela qual Martins via o fenômeno de aculturação. Embora estivesse interessado nas contribuições de cada etnia e tenha organizado o seu livro dessa forma, o que realmente o interessava era como a diversidade cultural inicial desses imigrantes foi rapidamente absorvida e incorporada em uma brasilidade. Como consta acima, ele sempre acreditou que os imigrantes, seus filhos e demais descendentes eram acima de tudo brasileiros, na maior parte das vezes nem podendo mais ser considerados como membros da etnia de origem.

Em suma, embora tenha sido recebido como uma obra da e para a sociologia paranaense, é fundamental entender que todas as formulações de Martins no livro e sobre o livro são frutos de uma *ideologia nacionalista*. E a origem dessa ideologia é a sua pertença geracional. Nascido em 1921, Martins faz parte de uma geração cuja juventude e cuja formação inicial ocorreu no período Vargas. Ou seja, ele foi parte da primeira geração que se formou no espírito nacionalista da proposta de desmantelamento da estrutura federalista que previamente organizava as relações entre as províncias brasileiras.

Além disso, o envolvimento de Martins com as injunções do poder na sua juventude foram reforçadas pelo vínculo efetivo que se estabeleceu com sua atuação na imprensa e, posteriormente, com o seu trabalho com o interventor do Paraná, Manoel Ribas, de quem Martins foi oficial de gabinete.

É importante esclarecer que Martins não estava deliberadamente trabalhando a serviço de uma ideologia de estado nacionalista e sendo fiel a este vínculo político – até porque Martins, enquanto trabalhava para o interventor, era abertamente da oposição a Vargas (o que, segundo ele, nunca foi um problema para Ribas). Esse laço de oposição pode ser visto inclusive no próprio livro *Um Brasil Diferente*, cuja primeira edição

foi dedicada a Bento Munhoz da Rocha Netto⁷, que além de ser seu amigo pessoal foi o principal opositor de Moysés Lupion, o candidato do PSD para o governo do Paraná na eleição de 1947 e posteriormente, quando da publicação do livro, governador do Estado.

É de forma não deliberada, a partir da inculcação de um arbitrário cultural associado ao Estado na regulação da vida cultural brasileira, que se deu a contradição aparente entre a posição política declarada de Martins e a sua adesão aos princípios nacionalistas. O processo de inculcação desse arbitrário cultural, que está na origem dos pressupostos nacionalistas de *Um Brasil Diferente*, aconteceu para Martins e sua geração a partir do estabelecimento do modernismo como cultura dominante e da sua apropriação como ideologia de estado. É central lembrarmos aí as relações não só do ministro Capanema com boa parte da intelectualidade dominante no espaço de produção cultural brasileiro como também no papel proeminente de Gilberto Freyre enquanto formulador da identidade brasileira oficial. (GOMES, 2000)

Dito de outra forma, não se deve interpretar os pressupostos nacionalistas de Martins como expressão de um vínculo meramente político ou de classe, pois a inculcação final do ideário nacionalista para sua geração se deu a partir da estrutura da vida intelectual brasileira, que caminhava em um sentido de homogeneização correspondente à negação e reestruturação do sistema federalista em vigência anteriormente e ao seu correspondente cultural: os regionalismos das primeiras décadas do século XX.

A geração de Martins representou no Paraná a primeira tentativa bem-sucedida de imposição do ideário modernista e da fuga a esse regionalismo, representada nas práticas culturais desses intelectuais como uma recusa à circunscrição local de suas produções (Romanovski, 2014). E é essa uma fonte do ponto cego de Martins com relação a *Um Brasil Diferente*. Escrito a partir da referência nacional, com a intenção explícita de fornecer uma contribuição ao esclarecimento da identidade brasileira, seu livro foi recebido somente em âmbito local, e foi sempre interpretado com base na referência regional que sua geração lutou para extirpar da vida cultural paranaense.

A cegueira de Wilson Martins com relação à fama local de seu livro não se esgota aí. Como o próprio Martins reconheceu, uma repercussão nacional de *Um Brasil Diferente* era muito improvável, tendo em conta a presença paranaense praticamente nula nos centros da produção cultural brasileira. Mas, além disso, Martins falhou em perceber a dívida de seu livro com relação à herança regionalista, o que aconteceu em diversos níveis.

Primeiramente, é preciso reconhecer que, sem as condições objetivas de recepção e legitimação frente aos centros da cultura brasileira, *Um Brasil Diferente* estava fadado à circunscrição local. E dentro dela, a recepção do livro estaria sujeita às relações

⁷ Bento Munhoz da Rocha Netto (1905-1978) foi político, professor universitário e intelectual paranaense. Ligado às elites políticas tradicionais do Paraná, foi considerado um intelectual, escritor e sociólogo em seu tempo. Teve destaque na carreira política, tendo servido como deputado federal, governador do Paraná (1951-1955) e ministro da agricultura (1955).

de força específicas desse espaço que, mesmo com a formação de um espaço cultural nacional em curso na época, reteve uma certa independência em sua lógica de funcionamento (da qual uma parte se deve ao próprio isolamento advindo da falta de reconhecimento frente aos centros). Dessa forma, é inevitável que o livro fosse encarado e interpretado de acordo com os parâmetros e categorias vigentes nesse espaço específico. Em outras palavras, a circunscrição local do livro o fadava a uma apropriação baseada no capital cultural acumulado desse espaço.

E no que consistia esse capital cultural? Pode-se dizer que o Paraná possuía um espaço intelectual recente (em parte devido à sua própria instituição tardia, já que o Paraná não existia enquanto entidade política até sua emancipação de São Paulo em 1853), destituído de consagração frente aos centros (sem grandes nomes reconhecidos fora de seus limites) e, apesar de relativamente ativo (com a presença de diversas instituições e agentes que movimentavam a cultura paranaense), bastante estático e resistente a mudanças de paradigma, como mostra a ascensão do moderno na década de 1940. As disputas em torno da ascensão do novo paradigma no Paraná foram o momento mais marcante da história desse espaço intelectual na primeira metade do século XX. São também centrais para o nosso tema, uma vez que um dos principais agentes envolvidos na instituição do pensamento e das estéticas modernas no Paraná foi o próprio Wilson Martins.

Até a ascensão do moderno, a intelectualidade paranaense havia se estruturado a partir da geração simbolista da virada do século XIX para o XX e com o paranismo, o regionalismo paranaense, que se consolidou na década de 1920. Apesar de estas estéticas já estarem em declínio na década de 1940, quando os grupos modernos começaram a se fortalecer, a estrutura da vida cultural paranaense se devia principalmente à ação desses dois grupos, que estabeleceram a estrutura do espaço intelectual e criaram os mecanismos para a reprodução, se não das estéticas que defendiam, ao menos do seu lugar de poder, garantindo a presença de diversos desses intelectuais e de seus doutrinados em posições proeminentes na vida intelectual e política do estado.

Apesar de a questão do regionalismo ser apontada na história literária e artística como um fenômeno estético, de uma perspectiva sociológica é preciso se colocar a questão dos seus usos políticos. Nesse sentido, o caso do paranismo é exemplar, pois criou diversos símbolos que até hoje são parte da identidade do estado, como a araucária e o pinhão. Boa parte da literatura sobre a identidade paranaense ainda pensa o paranismo nessa chave, considerando-o em sentido restrito, ou seja, o paranismo como o movimento organizado da intelectualidade paranaense da década de 1920.

No entanto, a vasta documentação acerca da cultura na primeira metade do século XX em Curitiba está repleta de referências mais amplas ao termo. "Paranismo" não era somente

um movimento intelectual restrito no tempo, mas um complexo ideológico que valorizava e estimulava a produção local primordialmente pela sua condição de paranaense, reforçando os laços da intelectualidade tradicional do estado e promovendo mais ou menos voluntariamente o isolamento do Paraná com relação à produção dominante nos centros da cultura brasileira.

A polissemia do termo "paranista" levou a muita confusão entre os analistas da ascensão do moderno no Paraná. No entanto, o fato conclusivo é que a oposição dos modernos aos paranistas até se dá no sentido restrito do paranismo como movimento, mas é principalmente direcionada ao sentido amplo do paranismo como valorização indiscriminada da produção cultural paranaense simplesmente por ser paranaense. E isso não por uma questão interna a quaisquer problemas lógicos ou estéticos do paranismo, mas pela questão geracional acima mencionada.

A questão para os jovens que promoveram a ascensão do moderno no Paraná é que ele representava um reducionismo que restringia a produção cultural ao âmbito local. Para eles, a constituição do espaço de produção cultural brasileiro que estava em curso na época implicava que o julgamento de uma determinada obra deveria ser realizado num espaço nacional (o que na prática era uma tomada de posição pelo julgamento e pelas categorias dos centros, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo). Inclusive, o que se percebe na maior parte dos partidários do moderno é menos uma estratégia combativa com relação ao paranismo do que um desprezo silencioso com relação à produção e aos mecanismos que, segundo eles, poderiam se encaixar nesse rótulo⁸.

Apesar de *Um Brasil Diferente* ter sido publicado somente mais tarde, em um momento em que o moderno já era mais aceito no Paraná, vemos que o ponto cego de Martins com relação à recepção do livro tem sua origem nessa oposição fundamental da instituição do moderno no estado. Almejando a inscrição de seu livro no cânone nacional da questão identitária brasileira, a circunscrição local final do livro é parte de uma instância de julgamento (paranista) que Martins não aceitava, porque não a reconhecia enquanto instância legítima de julgamento em primeiro lugar. De sua perspectiva, existir no cânone paranista era simplesmente não existir – o que fomenta sua percepção de um silêncio em torno de sua obra.

Entretanto, para o desgosto de Martins, esse é o fim que o seu livro teve. Isso é, obviamente, uma apreciação *a posteriori*, possível pela distância histórica que nos permite perceber as afinidades do projeto de Martins com o projeto paranista – e, para além disso, as suas afinidades com o projeto político que formulou e continuamente reformula a identidade paranaense, reproduzindo muito do conteúdo simbólico pretendido pelo autor. Embora Martins tenha vivido o suficiente para ele mesmo poder desfrutar dessa distância histórica, isso não foi o suficiente para

⁸ Esse aspecto foi ignorado pela maior parte das investigações sobre o assunto, atraídas pela verve abertamente combativa de um dos jovens modernos, Dalton Trevisan. Mas, no geral, pode-se dizer que o ethos dos jovens modernos da época era o de "pertencimento ao próprio tempo". Um combate explícito ao movimento paranista seria uma contradição a esse espírito, já que na década de 1940 o movimento não era mais reconhecido como atual. (Romanovski, 2014)

mudar sua opinião e fazê-lo enxergar a condição objetiva envolvida. Como podemos ver, ele lutou contra o enquadramento de *Um Brasil Diferente* como um livro paranista:

como parte do projeto de história política do seu Estado, os paranaenses Ana Maria de Oliveira Burmester, Francisco Moais Paz e Marionilde Dias Brepohl de Magalhães avaliam dois livros que consideram representativos do "paranismo", agora "posto em questão". Ocorre aqui um engano de história da intelectualidade local e, por consequência, também de natureza epistemológica, induzido por uma singularidade semântica. [...] Os livros aqui analisados como exemplares de "paranismo" - "Paraná Vivo" (1953), de Temístocles Linhares, e "Um Brasil Diferente", de Wilson Martins - definiam-se, no seu tempo, exatamente pelo antiparanismo, não só nos pressupostos intelectuais, mas até nos componentes por assim dizer biográficos, individuais e conjunturais. (Martins, 1990, p. F-4)

Em seguida, Wilson Martins explica a oposição entre paranistas e modernos da sua juventude, que norteia a sua avaliação sobre o seu próprio livro. De fato, em nenhum momento se pode questionar o papel central de Martins no estabelecimento do moderno na década de 1940. Mas o enquadramento de *Um Brasil Diferente* como um livro paranista não está na intenção do autor, e sim na sua recepção – e como exploraremos a seguir, nas condições objetivas que deram origem à sua obra. Vejamos agora a definição de paranismo que Martins deu no artigo anterior.

[Paranismo] é palavra polêmica e polarizante. O "paranismo" é postura psicológica e reivindicativa, cujos praticantes procuram, com perceptível ressentimento, impor a identidade, senão a superioridade, do seu Estado, seja em obras literárias e históricas (como Romário Martins), seja em simples epifanias de ufanismo regional, além de incontáveis poemas sobre o pinheiro ou tradições mais ou menos idealizadas. (idem)

Apesar de admitir o sentido amplo do paranismo, e inclusive defini-lo bem enquanto "postura psicológica e reivindicativa", quando Martins definiu o termo limitou-se a considerá-lo no sentido estrito do movimento intelectual. Dessa perspectiva, considerar qualquer aspecto de sua obra como paranista é de fato um "engano de história da intelectualidade local". Mas, quando consideramos a postura psicológica e reivindicativa paranista, vemos que este enquadramento de *Um Brasil Diferente* é uma consequência lógica das circunstâncias de concepção da obra.

Como a intenção de Martins de colaborar com a investigação do "tipo humano" brasileiro foi perdida no vácuo em que o livro foi recebido nacionalmente, a sua circunscrição local fadava o livro a ser encarado não no que ele fazia referência a esse contexto nacional, mas sim no reforço da singularidade local. Isso quer dizer que o livro foi recebido justamente por aqueles

que perpetuavam o paranismo enquanto postura psicológica e reivindicativa. Mas o que é mais grave e indica a origem do ponto cego de Martins de forma mais profunda é não perceber o quanto a origem do seu livro deve à "postura" paranista.

Deve-se notar em primeiro lugar que não é necessário muito esforço para encaixar *Um Brasil Diferente* no paranismo. Embora as referências nacionalistas que orientaram a produção do livro estejam claras, na sua concepção de que o Paraná era "um Brasil diferente" fica a cargo do intérprete focar sua atenção em um ou outro termo: ou em "Brasil", ou em "diferente". E, frente à falta de interesse generalizada em focar a atenção no termo "Brasil", quem ganhou a disputa dos significados foi o "diferente". A abertura semântica do conceito de Martins permite as duas leituras.

Mas, mais sério do que esse ponto externo à vontade do autor, está o fato de que Martins de fato reconheceu e reforçou diversos argumentos que já eram usados pelos paranistas. A introversão do tipo humano paranaense; a relação entre o clima e o temperamento do paranaense; ausência da escravatura no Paraná; o Paraná como um estado branco: todas essas ideias, centrais para o argumento de Martins, já estavam presentes nos paranistas, e algumas podem mesmo ser traçadas até os simbolistas.

Do ponto de vista do paranismo, o livro de Wilson Martins apresenta uma grande inovação, que é a incorporação dos imigrantes europeus na identidade do estado. Só que essa inovação não altera os termos fundamentais do sistema. Se os imigrantes europeus em consideração são brancos, a definição do Paraná enquanto um estado branco não é alterada por essa inovação, ainda mais considerando que, reiterando o argumento do historiador paranista Romário Martins, *Um Brasil Diferente* também conclui que não houve escravatura no estado. A introversão do paranaense e sua relação com o clima é um argumento que já havia sido usado para explicar o estranhamente forte grupo simbolista no Paraná. Ou seja, mesmo usando um outro método histórico e um outro referencial teórico – um referencial *moderno* – Wilson Martins acabou por escrever uma obra paranista, independentemente da sua vontade.

Para entender essa problemática, talvez fosse necessário que Martins também entendesse que essa imagem europeia construída pelo seu livro era conveniente aos estratos dominantes paranaenses. A imagem de um Paraná europeu, em tudo distinto do subdesenvolvimento brasileiro, foi durante todo o século XX um elemento central da autodefinição das elites paranaenses. Quando consideramos esse fator, fica claro que a condição social da postura paranista faz de qualquer tentativa de restringir o paranismo ao movimento cultural específico um engano histórico, porque o paranismo é o resultado da relação entre a intelectualidade paranaense e as classes dominantes no Paraná. É um produto que satisfaz as necessidades simbólicas dessa classe dominante extremamente tradicional na sua busca pela distinção⁹.

⁹ Nesse quesito, é fundamental considerar a inércia das elites paranaenses, extremamente resistentes à mudanças e eficazes na manutenção de suas posições de poder, como mostra o estudo genealógico das elites realizado por Oliveira (2001).

A própria história do movimento paranista inicial é justamente a história da mobilização generalizada dos intelectuais paranaenses em torno do conceito de Paraná – um conceito político, ou seja, contrabandeado da esfera política, em princípio estranho à lógica cultural. E, infelizmente para a imagem que Martins tinha de si mesmo, a mesma fórmula vale para o período de *Um Brasil Diferente* e para as duas principais obras que emergiram dela: a própria obra de Martins e o supracitado *Paraná Vivo*, de Temístocles Linhares.

A comparação com Temístocles Linhares ilumina as condições de produção intelectual no Paraná em meados do século XX. Apesar de diversos níveis de pertença comum – o principal deles, o ofício de crítico literário – Linhares e Martins diferiam em dois pontos centrais. O primeiro, a idade. Linhares, nascido em 1905, era 16 anos mais velho que Martins, um dado importante considerando o peso que a questão geracional tem no período. O segundo, as relações com a classe dominante paranaense. A ascensão social de Martins ocorreu a partir do seu capital cultural – sua identidade enquanto intelectual sempre foi o móvel principal de sua trajetória. Já no caso de Linhares, seu capital econômico e social sempre dividiram as contas de sua trajetória com seu capital cultural. Em outras palavras, para Martins sua identidade intelectual manteve precedência, suas outras relações derivando disso; já Linhares esteve envolvido nos meandros da classe dominante paranaense, como atestam diversos envolvimento institucionais ao longo dos anos.

Dados esses fatores, é pouco surpreendente que os dois livros produzidos por esses intelectuais sejam diferentes, embora em seus pontos principais se debrucem sobre uma questão básica – a sociedade paranaense e o Paraná enquanto entidade particular. *Um Brasil Diferente*, apesar de todos os pontos problemáticos levantados pelos críticos, mostra um esforço rigoroso na busca pela resposta à questão da identidade paranaense. Em comparação, *Paraná Vivo* é menos uma obra histórica ultrapassada do que um enorme panfleto de propaganda do estado do Paraná. E é nessa condição que podemos afirmar que, no quesito de representatividade da sua época, a propaganda deslavada de Linhares é superior ao paranismo refratado, não-intencional de Wilson Martins.

Se olharmos as duas obras e os eventos da década de 1950, fica claro que Linhares e Martins estavam em um contexto paranista. As duas obras, publicadas em 1953 e 1955, situam-se num momento de celebração do Paraná, ligado às comemorações do centenário da emancipação política do estado (1953). Coordenadas pelo governo de Bento Munhoz da Rocha Netto, as comemorações envolveram grandes obras arquitetônicas e urbanísticas em Curitiba, como o complexo governamental do Centro Cívico, com a finalidade de simbolizar o poder do Paraná. Assim, o período de formulação e publicação das duas obras foi um período ufanista, em que obras sobre o Paraná seriam desejadas, ainda mais se vindas de dois intelectuais reconhecidos no estado e, na época, também nacionalmente. Martins e Linhares fizeram o que era esperado nesse contexto: reciclaram os pressupostos paranistas com uma roupagem moderna.

É impossível que Wilson Martins não tenha percebido o clima do momento, favorável ao ufanismo e, portanto, ao paranismo. Ainda assim, sustentamos aqui que Martins realmente não entendia a extensão do compromisso assumido. A situação exemplar que simultaneamente mostra e explica o ponto cego é o envolvimento de Bento Munhoz da Rocha Netto, mencionado por Martins na nota para a segunda edição de *Um Brasil Diferente*:

A primeira edição foi dedicada ao então governador Bento Munhoz da Rocha Netto, cujos interesses políticos se aliavam à sólida cultura intelectual que sempre o distinguiu na vida brasileira – e a quem se deve a inestimável generosidade de tornar possível o aparecimento do primeiro livro que procurava investigar a múltipla influência da imigração estrangeira na formação e conformação do Paraná. (Martins, 1989, s/p)

E que foi detalhado em entrevista anos mais tarde:

Eu escrevi o livro e propus para o Paulo Duarte, que naquele tempo tinha uma editora também e ele publicou lá em São Paulo. Agora... é verdade, estou lembrando que o Bento Munhoz da Rocha, que era governador, mandou uma mensagem à Assembléia pedindo um auxílio para a publicação e foi concedido. De fato, a publicação do livro teve esse auxílio da Assembléia, que não pagou a edição, mas enfim era um incentivo. (Martins apud Oliveira, 2005, anexo p. 16)

Entretanto, o apreço aberto de Martins por Bento Munhoz é expresso sempre em termos de atuação intelectual. Martins, inclusive, era crítico da atuação política de Bento Munhoz como governador:

E o governo do Bento Munhoz? Foi um bom governo?

Para falar francamente, não acho. Apesar de ter sido amigo dele e amigo dos amigos dele, não acho no sentido de que esperava muito mais. Minha decepção nasce de expectativas muito elevadas. Ele era um sociólogo, um homem de estudos, extremamente competente em estudos brasileiros, especialmente no que se refere ao Paraná. De forma que imaginava que iria se introduzir no Estado um outro tipo de governo, mais fundado em realizações práticas. Mas, por bons ou por maus motivos, o Centro Cívico ficou sendo o símbolo do governo Munhoz da Rocha. O que é muito pouco, é uma obra um pouco suntuária. [...]

Teria alguma correspondência com uma relação estreita a uma elite curitibana, levando ao pouco conhecimento do resto do Estado?

Eu acho que sim. E havia também nele, creio eu, um pouco de ressentimento inconsciente contra a Revolução de 30, contra a derrubada de sua família e do sistema político anterior, de forma que uma boa parte do governo dele foi uma espécie de vingança contra Getúlio Vargas, Manoel Ribas, e tudo o que eles representavam. (Martins, 1987)

Wilson Martins sempre encarou a atividade de Bento Munhoz enquanto intelectual como algo que poderia ser separado do seu compromisso político, mesmo ciente da presença da família de Bento Munhoz nas instâncias do alto poder para-

naense. Em outras palavras, Martins falhou em perceber que o compromisso de Bento Munhoz com relação a *Um Brasil Diferente* era, sim, um compromisso paranista, e enquanto tal, um compromisso político, o qual ele também aceitou – embora, na visão de si mesmo enquanto intelectual, tenha feito e encarado o seu livro simplesmente como uma obra de conhecimento objetivo, relatando fatos que ele considerava amparados por provas.

O que podemos ver claramente é que a falta de compreensão de Wilson Martins das injunções sociais que estão na origem da postura paranista – a relação entre as classes dominantes paranaenses, a necessidade da instituição de veículos de dominação simbólica¹⁰ e a dependência (ou, como no caso de Bento Munhoz, os laços orgânicos) dos intelectuais com o campo do poder – causaram uma profunda incompreensão da recepção de seu livro como a obra paranista que ele, involuntária mas objetivamente, é.

Mudanças do espaço intelectual brasileiro

Se a incompreensão de Martins da lógica do paranismo em seu sentido amplo foi a causa do ponto cego com relação à recepção paranista de sua obra, isso não explica o ponto cego com relação ao tratamento do autor dos estratos baixos da hierarquia demonstrada em *Um Brasil Diferente*. Aqui, a situação é a mesma do que no tocante ao preço pago pelos compromissos políticos que levaram à concepção do livro: a posição de Martins não era cínica. Não é possível ver uma intenção consciente de alinhar as posições intelectuais do livro com o interesse das classes dominantes em promover a imagem do Paraná ao defender a ausência da influência dos negros e a maior influência de imigrantes de alto status, segundo sua hierarquia. Pelo contrário, essa realmente foi uma conclusão a que Wilson Martins chegou analisando as evidências apresentadas em suas fontes.

CULTURA G – Ainda voltando ao livro, parece que houve muita polêmica com o lançamento, principalmente com os poloneses. O que aconteceu?

WM – É que eles sempre foram marginalizados. Nesse ponto eu tenho um episódio da minha vida, muito curioso. Quando o nosso chanceler, Fernando Henrique Cardoso e Otaviani [sic: Octavio Ianni] eram estudantes em São Paulo, eles vieram fazer a tese de doutoramento, aqui, justamente sobre o negro nesta região. Abordaram este tema comigo e chegamos à conclusão que o polaco, o polonês, foi o negro do Paraná. Porque toda a sociedade tem o bode expiatório, tem uma etnia perseguida, oprimida. Aqui no Paraná, foram os polacos que sempre tiveram uma imprensa muito má. Sempre foram vistos como uma etnia inferior.

CULTURA G – Fala-se até que os poloneses são o “negro ao avesso”, não é?

WM – Exatamente, mas esta frase modéstia parte [!] saiu da minha casa. Nessa conversa com o Fernando Henrique Cardoso e Otaviani [sic] quando faziam a tese. Este preconceito contra o polaco pode ser injusto, mas existe. Eu não inventei, apenas assinalei com recortes de jornais da época. Eu sei que eles ficaram ofendidos, como os ucranianos, por não escrever muito sobre eles. Mas a minha resposta é sempre a mesma: eu não inventei nada, não tenho opinião sobre isso, como pesquisador registrei o que existia. (Martins, 1993, p. 2)

Para Wilson Martins, a hierarquia presente em *Um Brasil Diferente* era a hierarquia presente na sociedade paranaense daquele tempo. Para ele, não foi importante fazer uma distinção entre o senso comum sobre os poloneses, que é admitidamente preconceituoso, e a perspectiva do seu livro, porque a perspectiva do livro é justamente baseada nesse senso comum que Martins viu nos artigos da imprensa da época. Nesse sentido, Martins fez exatamente o que achava que deveria fazer: em suas palavras, “registrar o que existia” – sem perceber que, ao transportar algo do jornal para uma obra oficial, o que ele fez foi reificar as desigualdades e preconceitos do senso comum para o domínio do conhecimento legítimo.

Do ponto de vista de Martins, não havia necessidade de fazer de outra forma. Ao analisar as contribuições das diversas etnias para a formação do Paraná, fica claro que, para o autor, o lugar das diversas etnias é determinado por uma perspectiva de desenvolvimento. Por exemplo, nas citações colocadas na primeira parte do artigo, vemos que a indústria é um fator positivo de desenvolvimento. O próprio autor também coloca a menor contribuição dos poloneses e ucranianos como advinda do pertencimento rural desses imigrantes, mostrando a presença da oposição urbano-rural no seu sistema de categorias, com o urbano como polo positivo e superior.

Esse sistema de categorias implícito nas análises não é explicitado em nenhum momento, mas a imagem geral mostra que a base da avaliação das contribuições de cada etnia é dada por uma visão de crescimento do Paraná. A contribuição válida para fazer com que uma etnia fosse considerada dos estratos altos da hierarquia seria uma contribuição de caráter positivo em relação ao desenvolvimento do Paraná em termos econômicos, sociais e culturais – e nesse último ponto, cultura também seria entendida em seu sentido de “alta cultura”, ou “cultura legítima”.

Embora não se possa questionar o rigor com que Martins realizou a pesquisa, as críticas recebidas por ele ao longo dos anos não foram direcionadas aos materiais apresentados, mas sim a essa visão de mundo implícita que orientou a sua interpretação. Em diversas citações colocadas neste artigo, vemos

¹⁰ É preciso lembrar aqui que, conforme o próprio Wilson Martins, *Um Brasil Diferente* representava um Paraná que estava desaparecendo com a povoação e o crescimento do norte e do oeste do estado, áreas cuja população já não era representada pelo perfil do Paraná tradicional colocado por Martins no livro. Nesse sentido, pode-se pensar *Um Brasil Diferente* como uma obra de reforço da identidade paranaense baseada no perfil dos Campos Gerais, reforçando uma imagem do estado ligada às elites curitibanas tradicionais.

que ele falou do seu livro que seria "consagrado à influência sociológica da imigração estrangeira no Paraná"; o livro seria um "levantamento sistemático de fatos sociológicos"; e até mesmo o primeiro artigo sobre o tema se chamava "Um tema de sociologia brasileira". O que Wilson Martins pensava estar fazendo era: sociologia.

O fato de um crítico literário escrever um livro sobre a sociedade paranaense de uma perspectiva "sociológica" foi notado pela maior parte dos analistas de *Um Brasil Diferente*, mas poucas vezes foi levado até às últimas consequências. Para fazer isso, devemos nos perguntar: por que um crítico literário estava escrevendo um livro de sociologia?

É preciso entender que na sua época o ofício de crítico literário não requeria nenhum tipo de instrução formal, já que as faculdades de letras só foram institucionalizadas num período posterior ao da formação de Martins. O principal requisito para um crítico literário então era, além de escrever bem (um conceito muito relativo e aberto), a erudição. A crítica literária frequentemente se fazia sobre uma gama ampla de disciplinas. O crítico de rodapé, como Martins, analisava obras literárias, de filosofia, sociologia, história e inúmeras outras áreas.

Em outras palavras, a crítica, além de ser uma área de competências mal delimitadas, era a atividade intelectualista por excelência. E é por isso que a autodefinição de Martins é brilhante. A ideia de ser um "intelectual no sentido largo, crítico literário no estrito" não é simplesmente um jogo de palavras: é uma definição objetiva da realidade do crítico de rodapé na época de sua formação. Por isso, não é estranho que Martins tenha exercido o seu lado de intelectual ao aventurar-se na sociologia para realizar *Um Brasil Diferente*.

O problema aqui é que, no momento em que Wilson Martins consolidava sua carreira enquanto crítico de rodapé em meados do século XX, o espaço de produção cultural brasileiro estava em transformação. O modelo intelectualista e generalizante do trabalho intelectual dava lugar a um espaço mais especializado e segmentado de produção cultural. A expressão institucional mais visível desse processo foi a consolidação das faculdades de filosofia, que proporcionaram uma formação profissional aos intelectuais – os quais deveriam se identificar primariamente com uma das áreas do conhecimento humanístico a partir de então.

Para o caso em questão, esse processo teve duas consequências principais: a primeira delas foi o virtual desaparecimento da crítica de rodapé. Wilson Martins, que foi o último sobrevivente do gênero, falava abertamente da disputa que levou ao fim desse tipo de crítica e sobre como ele era considerado um "dinossauro" da crítica:

Afrânio Coutinho fez uma campanha enorme para desmoralizar a crítica que chamava, com grande desprezo, de jornalística. E, naturalmente, os editores de jornais e revistas acreditaram no que ele falava, porque a primeira reação do editor é se puder cortar esse tipo de matéria do seu jornal, melhor. E pouco a pouco os jornais foram cortando os espaços, passan-

do para as resenhas, que são mais curtas e não comprometem ninguém. (Martins apud Sefrin, 2001, p. 14)

A segunda consequência foi a separação das disciplinas intelectuais, das quais a separação entre a sociologia e a literatura foi um trauma para a cultura brasileira, uma vez que a literatura até então exercia o privilégio de explorar as verdades sociais do país. Além disso, as disputas entre a crítica acadêmica e a de rodapé tiveram uma disputa análoga na sociologia: a disputa entre a sociologia de Gilberto Freyre e a sociologia científica.

Isso quer dizer que quando *Um Brasil Diferente* foi feito, a forma de fazer e pensar a sociologia que o orientava estava para cair no ostracismo, e quando o livro começou a ser lido (e até os dias de hoje), já era obsoleto em termos de embasamento sociológico. De fato, quando observamos às críticas à lógica interna e ao tratamento dispensado por Wilson Martins aos estratos baixos da sua hierarquia étnica paranaense, elas não se voltam ao conteúdo em si mesmo ou aos dados apresentados. Os críticos posteriores e atuais da obra a julgam a partir de um conceito antropológico de cultura, que considera as singularidades dos diversos modos de vida não de forma avaliativa, mas de forma a entender o ponto de vista e a dinâmica dessas comunidades – e de forma nenhuma com vistas a reificar uma "sociedade paranaense" nas suas pretensas "contribuições" com a finalidade de "desenvolver" o Paraná.

Ademais, a revolução do conceito de cultura, tanto nas ciências sociais quanto na literatura, corresponde a uma sociedade muito mais complexa do que no tempo de Wilson Martins. A presença de diversos princípios de legitimidade cultural concorrentes entre si, que podemos ver nas últimas décadas em um campo de produção cultural diversificado cujo fundamento é a diversificação da própria sociedade, é a base de uma visão de mundo contemporânea que nunca foi contemplada por Martins. Parte da formação e da tarefa do crítico, em sua época, era a legitimação do que pertencia ou não à alta cultura, e analogamente é também isso que implicava a concepção de desenvolvimento da sociedade que está nos pressupostos de *Um Brasil Diferente*. Realmente, em termos de contribuições para a alta cultura paranaense da primeira metade do século XX – ou seja, para a cultura legítima do estado – poloneses, ucranianos e negros mal são mencionados nas fontes, os poucos presentes sendo as exceções que confirmam a regra.

Em suma, a fonte da ignorância de Martins com relação à sua avaliação dos estratos baixos da sua hierarquia foi a sua própria visão de mundo, que nunca se alterou substantivamente, mesmo com todas as mudanças pelas quais passou a cultura brasileira. Os críticos dos pontos relativos aos poloneses, ucranianos e negros em *Um Brasil Diferente* nunca se dispuseram a entender o ponto de vista de Martins de forma compreensiva, envolvidos que estavam (e ainda estão) na disputa em favor de seus próprios paradigmas teóricos e visões de mundo e em favor dos grupos em nome dos quais agem. Por outro lado, Wilson Martins

também nunca se abriu suficientemente à nova situação da cultura brasileira para permitir uma revisão significativa dos seus pressupostos ou de suas práticas, e, convencido da seriedade e da justiça de *Um Brasil Diferente*, continuou acreditando nos seus enganos históricos¹¹.

Considerações finais

Um Brasil Diferente sem dúvida foi um marco para os estudos paranaenses. Mas, infelizmente para Wilson Martins, isso não aconteceu da forma que ele pretendia. Principalmente nos dias de hoje é impossível para pesquisadores das áreas interessadas no assunto lerem acriticamente o livro. E isso nem mesmo seria desejável. Fazendo juz ao contexto ufanista de sua concepção e publicação, o livro é inegavelmente parte de um projeto de dominação e de exclusão que formou a identidade paranaense. O livro foi incorporado à identidade oficial do estado, que ainda hoje está muito ligada à questão racial, à identificação com a Europa e a uma distinção paranaense em relação ao subdesenvolvimento brasileiro. E todos esses pontos precisam ser contestados e esclarecidos no que falsificam verdades históricas que são negadas em discursos oficiais.

No entanto, não se pode atribuir a Wilson Martins uma intenção explícita de reforçar os estereótipos de sua época com vistas a repaginar a identidade do Paraná como um estado branco. Como dissemos, sua posição não era cínica. Ele partiu de um ponto de vista que questionava, de forma sincera, a formação do Paraná e do "tipo humano" paranaense enquanto parte do Brasil. Inclusive, não é possível negar o seu rigor na busca das fontes disponíveis, e nem sua dedicação em fazer uma obra tão completa quanto possível, que explicasse sociologicamente o objeto em questão.

O problema de Martins foi que o seu modelo de trabalho intelectual, que foi resultado de seus anos de formação e que informou sua atividade como crítico literário durante toda sua vida, começava a sofrer uma perda de importância relativa, em face da complexificação do espaço intelectual brasileiro. Tais disputas são normais e constituintes de qualquer espaço cultural minimamente complexo. Mas Wilson Martins não procurou se adaptar aos novos modelos intelectuais. Permaneceu fiel às suas concepções e se pautou por elas até o fim da vida, o que significa que seu trabalho se tornou cada vez mais anacrônico com o passar do tempo.

Embora consciente dessas disputas e das transformações causadas por elas, Martins nunca conseguiu efetivamente enxergar as suas consequências no tocante a *Um Brasil Diferente*. Ele não percebeu como seu modelo de trabalho sociológico o levou a afirmar erros históricos, notadamente sobre a presença da escravidão no Paraná, ou subestimar a antropologia da imi-

gração paranaense estabelecendo hierarquias étnicas a partir de um uso ultrapassado da noção de cultura. Não percebeu que as novas gerações tinham um novo conceito não somente dos fatos apresentados, mas do próprio conceito de identidade. Assim, falhou tanto em um ato de reflexividade, ao não compreender a gênese social das ideias e dos ideais de sua obra, como também falhou ao estabelecer um ponto de contato com a recepção de seu livro, que seria dali por diante julgado por seus pares a partir das novas categorias do trabalho sociológico – que refutavam não somente fontes e fatos, mas os pressupostos, a teoria e a metodologia utilizados por Martins.

Se nos debruçamos sobre a situação particular da incompreensão de Wilson Martins sobre seu livro, é porque esta situação elucida um caso exemplar em que a formação de *habitus* desse autor, frente à mudança das condições sociais do exercício do trabalho intelectual ao longo de décadas, foi tão determinante a ponto de provocar esta série de desentendimentos e desencontros entre um autor, uma obra e sua recepção.

Referências bibliográficas

- BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M.. *História do Paraná*. Vol. 1. Curitiba: Grafipar, 1969.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte*. 2. ed. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 431 p.
- GOMES, A. de C. (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. 269 p.
- LINHARES, T. *Paraná vivo: um retrato sem retoques*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000. 320 p.
- MARTINS, W. Um tema de sociologia brasileira. *O Estado de São Paulo*, pp. 4, 5, São Paulo, 30 mar. 1946.
- _____. Um Brasil diferente: palestra proferida por Wilson Martins sobre problemas de acumulação no Paraná, na Casa Romário Martins. 1979. In: *Fundação*, abr. 1980.
- _____. Wilson Martins: a história de um Brasil diferente. In: *Nicolau*, ano 1, n. 3, pp. 6-7. Curitiba, set. 1987. Entrevista concedida a Tato Taborda.
- _____. *Um Brasil diferente: ensaios sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. 2.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989. 470 p.
- _____. Um Brasil Diferente. *Folha de São Paulo*, Letras, pp. F-4, F-5. São Paulo, 08 dez 1990.
- _____. *Pontos de vista: crítica literária*. Vol. 1 (1954-1955). São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- _____. Em busca de 'uma literatura diferente'. *Gazeta do Povo*, CulturaG, p. 2, Curitiba, 31 jan. 1993. Entrevista.
- _____. O crítico por ele mesmo. In: SEFFRIN, A. et al. *Mestre da Crítica*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná; Rio de Janeiro: Topbooks, 2001. 296 p.
- _____. Viver para contar. *Gazeta do Povo*, CulturaG; p. 2, Curitiba, 08 mar. 2008. Entrevista.
- MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 435 p.

¹¹ Nesse ponto, é significativo que *Casa Grande Et Senzala* tenha continuado a ser uma referência para Martins até o fim de sua vida. Martins nunca reviu sua posição com relação a esse livro, e, portanto, às posições teóricas que embasaram *Um Brasil Diferente*.

_____. *Vanguardas em retrocesso*: ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 217 p.

OLIVEIRA, R. C. de. *O silêncio dos vencedores*: genealogia, classe dominante e estado no Paraná. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001. 447 p.

OLIVEIRA, L. C. S. de. *Joaquim contra o Paranismo*. Dissertação (mestrado) – Departamento de Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005. 234 p.

OLIVEIRA, M. de. O “Brasil Diferente” de Wilson Martins. In: *Caderno*

CRH, Salvador, vol. 18, n. 44, p. 215-221. Mai / Ago 2005.

ROMANOVSKI, N. *Um grupo abstrato*: cultura, geração e ambições modernas na revista *Joaquim*. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. 236 p.

Submetido: 31/10/2018

Aceite: 08/07/2019